



## REFLEXÕES SOBRE A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ELISANGELA DE SOUZA MARTINS NASCIMENTO

SILVANA ALVES DA SILVA BISPO

### Resumo

Neste trabalho apresentamos, por meio de uma pesquisa bibliográfica e memórias de vivências durante a realização de estágio obrigatório de uma das autoras, reflexões acerca da afetividade na Educação Infantil. O objetivo geral é compreender o papel da afetividade na relação pedagógica com as crianças. E, como objetivos específicos: a) Apresentar uma discussão teórica a respeito da afetividade; b) Desvelar o papel da afetividade na relação pedagógica. Após o estudo concluímos que há a necessidade de investimento na formação continuada dos profissionais que já estão imersos na carreira docente com foco nas temáticas que emergem no cotidiano das instituições escolares.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Infantil. Criança. Formação de professores.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos um estudo que surgiu do interesse da primeira autora que é acadêmica do curso de Pedagogia em aprofundar leituras acerca da afetividade, devido a experiência vivenciada em uma instituição de Educação Infantil, local onde teve a oportunidade de fazer o estágio não obrigatório. O objetivo geral é compreender o papel da afetividade na relação pedagógica com as crianças. E, como objetivos específicos: a) Apresentar uma discussão teórica a respeito da afetividade; b) Desvelar o papel da afetividade na relação pedagógica.

Partimos do pressuposto de que a afetividade nos relacionamentos humanos está intrinsecamente ligada à promoção do bem-estar do indivíduo, no

estabelecimento de relações saudáveis, no sentimento de querer estar perto, de sentir-se bem. Portanto, ela é um instrumento facilitador ou intermediador das relações entre os sujeitos. Em se tratando de educação, podemos inferir que a afetividade pode ser o fio condutor entre os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem.

É consenso entre os educadores, pesquisadores e a sociedade que, em se tratando da educação, a aprendizagem é um de seus maiores desafios. Neste estudo, estamos tomando como princípio a afetividade como um veículo fundamental, responsável pela mediação entre a necessidade do professor de ensinar instigando a curiosidade das crianças para aprender algo novo, como o desejo das crianças em aprender. Especificamente na Educação Infantil, a afetividade pode ser um elo de ligação entre as experiências de aprendizagens promovidas pelos docentes e o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A afetividade é uma temática tão importante que se constituiu em objeto de estudos para os pesquisadores Jean Piaget (1976), Lev Semenovich Vygotsky (2001) e Henri Wallon (1995). Para o suíço, a “vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas” (Piaget, 1976, p. 16). Isso posto, é tão importante trabalhar a afetividade da criança no contexto escolar, quanto os conteúdos do currículo prescrito. A criança precisa aprender a expressar suas emoções, lidar com elas, ser respeitada em sua individualidade e respeitar o outro diante de suas expressões emotivas. Diante de tal importância, a relevância de estudos acerca da afetividade reside em suas contribuições para a formação inicial dos acadêmicos e também para a formação continuada dos professores que já estão ingresso na carreira docente.

Este texto está estruturado em três tópicos além dessa breve introdução. O primeiro deles consiste na metodologia do estudo. O segundo está intitulado Afetividade: apontamentos teóricos, neste, buscamos discutir a afetividade e no terceiro, trazemos um diálogo com os principais documentos oficiais sobre a Educação Infantil e por fim, apresentamos as nossas considerações sobre esse estudo.

## **Metodologia**

Nos anos em que uma das autoras do artigo atuou no estágio não obrigatório, desenvolvido em um Centro de Educação Infantil (CEI), experiência que teve a

duração de 12 meses e, mais recentemente, no estágio obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental observou, não raras vezes, uma ausência da afetividade na relação adultos e crianças. Observou, também, que em algumas turmas, há um número excessivo de crianças, especialmente considerando que há apenas um docente, quando se trata dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou somente um estagiário, quando se trata da Educação Infantil, para realizar o trabalho pedagógico com as crianças.

Sabemos que, na Educação Infantil, em muitos casos, sobressai-se o cuidar em detrimento do educar, um caminho na contramão dos documentos oficiais, pois o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL 1998) orienta para que as práticas desenvolvidas na primeira etapa da educação básica sejam norteadas pelas concepções de educar e cuidar. Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL 2009), reafirmam o educar, cuidar e brincar como orientadores do trabalho pedagógico. Educar, cuidar e brincar são ações simultâneas, indissociáveis no contexto da educação da primeira infância.

Nesta faixa etária, as crianças estão aprendendo a conviver com outras pessoas, sejam elas crianças ou adultas e passam a maior parte do dia, dentro de uma instituição de Educação Infantil, um espaço que deveria ser propício para a realização de práticas que visam o desenvolvimento infantil “nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social”, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 (BRASIL, 1996). Desse modo, a presença da afetividade nas relações é fundamental para a formação socioemocional da criança.

Estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Ciência pela Primeira Infância (NCPI) indicam que

Intervenções que promovem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais na primeira infância contribuem para que a criança tenha uma vida com:

- Melhores condições de aprendizagem no ensino fundamental
- Melhor desempenho acadêmico
- Melhores oportunidades de emprego
- Redução do envolvimento com crimes
- Melhor saúde mental e bem-estar (CARVALHO, S.D, p. 01).

Convém destacar que, baseado em estudos desenvolvidos por Wallon, compreendemos que a afetividade se coaduna com o desenvolvimento cognitivo e motor. Portanto, se primamos por melhores interações, pela proposição de vivências

significativas, por qualidade na Educação Infantil, devemos zelar pela afetividade nas relações adultos e crianças também. No entanto, na experiência vivenciada como estagiária, independentemente do número de crianças por turma, em linhas gerais alguns docentes e outros estagiários não demonstravam empatia e/ou afetividade para com as crianças ao longo da rotina diária. Pautamos a relevância da observação acima no que dizem Estanislau e Bressan, (2014, p.9) “[...] não se pode falar em aprendizagem e comportamento socioemocional como instâncias separadas”. Assim, acende a necessidade de aprofundar estudo teórico acerca da afetividade no contexto escolar e, quiçá saber, o que há por trás da ausência de afetividade nas práticas pedagógicas com as crianças pequenas.

Neste trabalho, o objetivo geral é compreender o papel da afetividade na relação pedagógica com as crianças. E, como objetivos específicos: a) Apresentar uma discussão teórica a respeito da afetividade; b) Desvelar o papel da afetividade na relação pedagógica.

Para concretizar os objetivos propostos, lançamos mão da pesquisa bibliográfica, considerando a natureza e a complexidade do objeto de estudo. Segundo estudo de Souza, Oliveira e Alves, (2021, p. 65) “A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”. O estudo de Andrade, revela que

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Em qualquer que seja a pesquisa a ser realizada, a pesquisa bibliográfica sempre estará presente.

Enquanto estagiária, inquieta com a realidade observada e, como acadêmica do curso de Pedagogia, percebo essa pesquisa como uma oportunidade de ampliar conhecimento

acerca da afetividade. A relevância desse estudo está na contribuição para a formação inicial e atuação como profissional da educação.

### **Afetividade: apontamentos teóricos**

Recentemente muitos pesquisadores tem se dedicado aos estudos da afetividade e sua importância com contexto educacional, dentre eles citamos Piaget (1999), Wallon (1995), (Vygotsky 2001), além de Codo; Gazzotti (1999) e Tassoni; Leite (2013). Mas o que é afetividade?

O conceito de afetividade se constitui em um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de sentimentos, paixões e emoções, podendo ser acompanhados de dor, prazer, alegria, tristeza, satisfação, insatisfação, agrado e desagrado” (CODO; GAZZOTTI, 1999, p. 48-59).

Tassoni e Leite (2013), discutem “Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana”, para esses autores:

[...] as situações vivenciadas no contexto de sala de aula produzem uma diversidade de emoções e sentimentos: alegria, tristeza, tranquilidade, ansiedade, confiança, segurança, insegurança, vergonha, constrangimento, raiva, medo, entusiasmo, envolvimento, orgulho, insatisfação, indiferença, consideração, etc. – tanto em professores como em alunos. Tais sentimentos e emoções afetam os processos de ensino e de aprendizagem e as relações entre os envolvidos.

Ter consciência desses mecanismos possibilita ao professor uma reflexão mais criteriosa sobre sua prática pedagógica, bem como adquirir maiores condições de identificar sentimentos e emoções que podem inibir/ travar os processos cognitivos, além de poder agir de maneira diferenciada diante de explosões emocionais que alteram negativamente o ambiente escolar. É importante assumir que há, nas relações de sala de aula, uma troca de sentimentos e emoções, que deve ser objeto de reflexão. (2013, p. 270)

Muitas vezes, é na instituição escolar que a criança vivencia suas primeiras experiências de insatisfação ou desagrado fora do convívio familiar, experiências que tanto podem ser positivas como negativas. A instituição educativa, portanto, representa um espaço crucial para a formação integral da criança, pois é nesse contexto que elas aprendem a gerenciar suas emoções, a lidar com a frustração, a compreender a importância de esperar sua vez e a desenvolver habilidades sociais essenciais, como a capacidade de se expressar de falar e ouvir os outros.

Na instituição educativa a criança tem a oportunidade de aprender e se desenvolver emocionalmente com outras crianças e adultos. Além disso, a rotina no ambiente oferece oportunidades para que as crianças compreendam regras, normas, combinados e horários, auxiliando no desenvolvimento de responsabilidade diminuindo a tensão, pois ela vai compreendendo desde pequena o tempo de duração das atividades em situação real.

O ambiente educativo, portanto, oferece um terreno fértil para o desenvolvimento da autoconfiança, resiliência e empatia. Por meio de interações com seus colegas e professores, aprendem a lidar com diferenças, a trabalhar em equipe e a construir relacionamentos saudáveis. Essas experiências não apenas fortalecem a base emocional das crianças, mas também as preparam para enfrentar os desafios da vida adulta. Portanto, é na instituição escolar que a criança encontra uma oportunidade rica de aprendizagem e desenvolvimento, tanto intelectual quanto emocional, além da possibilidade de expressar-se por meio de diferentes linguagens.

Dessa maneira, em relação à afetividade podemos afirmar que as instituições educativas nas diferentes etapas e modalidades, desempenham um papel fundamental na formação de cidadãos melhores preparados para enfrentar as complexidades do mundo agindo com mais coerência, tendo atitudes mais humanizadoras. Por isso, a afetividade é um aspecto que não pode ser negligenciado.

Os apontamentos de Wallon denotam que “dos 3 aos 6 anos o apego às pessoas é uma inextinguível necessidade para a pessoa da criança” (1995, p. 206). Na leitura interpretativa de Tassoni e Leite (2013, p. 268), “Não só a necessidade do outro é intensa, como os cuidados dedicados pelo outro são fundamentais. Desta forma, na leitura interpretativa dos teóricos encontramos uma afirmação que ressoa profundamente na compreensão do desenvolvimento infantil. Esta afirmação ressalta a importância da relação entre a criança e os adultos em seu desenvolvimento emocional, social e cultural.

Sabemos que a fase inicial da vida de uma criança é um período de notável sensibilidade e vulnerabilidade, durante o qual uma criança é dependente de adultos para atender às suas necessidades básicas. Essas necessidades incluem alimentação, segurança, afeto, bem como oferta de atividades que potencializem e estimulem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

A experiência vivida por meio dos estágios obrigatórios e os remunerados, aliado ao conhecimento teórico nos levam a concordar que a criança nutre uma

relação muito afetuosa com adultos com os quais convivem, sejam os familiares, como a professora, atendente, estagiários. Essa relação é o alicerce sobre o qual se estrutura o desenvolvimento emocional da criança. Por isso, os laços afetivos formados durante a infância têm um impacto duradouro na saúde mental e emocional da criança ao longo de sua vida.

A capacidade dos adultos de responder de maneira especial às necessidades da criança tende a criar um ambiente seguro e de apoio que permite a elas explorar o mundo ao seu redor de maneira saudável. Além disso, os cuidados dedicados pelo outro não se limitam apenas às necessidades físicas, mas também abrangem o apoio emocional. Os adultos, portanto, desempenham um papel fundamental para ajudar a criança a regular suas emoções, a entender e expressar seus sentimentos e a desenvolver habilidades sociais e emocionais essenciais para a vida toda

Concluindo, a citação de Tassoni e Leite (2013) destaca a importância do apoio afetivo e dos cuidados fornecidos na vida de uma criança. Essa relação afetiva é um elemento fundamental na promoção do desenvolvimento saudável e equilibrado das crianças e, por conseguinte, merece atenção especial em pesquisas e práticas que visam promover o bem-estar infantil.

Na concepção de Vygotsky, o processo de desenvolvimento do indivíduo é mediado pelas interações estabelecidas socialmente nos contextos histórico e cultural e ainda,

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo. (VYGOTSKY, 2001, p. 139).

Em suas palavras, Vygotsky está abordando a relação entre emoções e comportamento humano, destacando como as emoções desempenham um papel fundamental na regulação do comportamento. Ele observa que as reações emocionais, como alegria e repulsa, estão intrinsecamente ligadas às nossas ações e influenciam nossas atividades futuras.

Neste sentido, o caso da alegria, quando realizamos uma tarefa com prazer e satisfação, as emoções positivas servem como um incentivo para continuarmos fazendo aquela atividade. As emoções de alegria, nesse contexto, sinalizam que a

tarefa ou a ação é percebida como gratificante, e nosso organismo está programado para buscar experiências prazerosas. Portanto, a alegria atua como um reforço positivo que nos motiva a persistir em atividades semelhantes no futuro. Por outro lado, quando realizamos algo com repulsa ou desagrado, as reações emocionais negativas indicam que estamos propensos a evitar ou interromper aquelas ocupações. As emoções de repulsa funcionam como um mecanismo de defesa, alertando-nos de que uma tarefa ou ação pode ser desgastante ou prejudicial. Portanto, nosso organismo procura evitar experiências experimentais, o que pode levar à interrupção ou prevenção de atividades que evocam essas emoções negativas.

Em síntese, Vygotsky destaca que as emoções desempenham um papel crucial na regulação do comportamento humano, orientando-nos em direção a atividades que percebemos como prazerosas e afastando-nos inerentes que consideramos orientação. Essa compreensão das emoções e sua influência no comportamento é essencial para o estudo do desenvolvimento humano e da aprendizagem, áreas nas quais Lev Vygotsky fez contribuições significativas.

De acordo com os princípios e a filosofia subjacentes ao trabalho de Vygotsky, na concepção vygotskyana na ausência de estimulação emocional e apoio, as funções psicológicas superiores do desenvolvimento infantil não podem funcionar corretamente. O autor discutiu extensivamente a importância do ambiente social, da interação e do apoio emocional no desenvolvimento infantil em suas obras, como "A Formação Social da Mente" (1930) e "Pensamento e Linguagem", último livro escrito pelo teórico (1934), posteriormente lançado em outras línguas, as obras são amplamente utilizadas na área educacional e nelas o autor enfatiza que o suporte emocional, a mediação social e a interação são fundamentais para a formação das funções psicológicas superiores.

### **Contextualizando a Educação Infantil e buscando percepções da afetividade**

No Brasil, a inserção da Educação Infantil no contexto da Educação Básica representa um marco significativo na história da educação do país. Isso se concretizou com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que regulamentou as bases legais para a organização do sistema educacional brasileiro. A LDB 9394/96 foi um divisor de águas, pois rompeu com a

visão assistencialista que predominava em relação à Educação Infantil, registrando-a como uma etapa fundamental da Educação Básica.

Com essa mudança de perspectiva, a Educação Infantil conquistou o status de primeira etapa da Educação Básica, um espaço educacional destinado a crianças de zero a cinco anos e 11 meses de idade, que visa não apenas o cuidado, mas também o desenvolvimento integral das crianças. Essa transformação legislativa teve implicações importantes na prática educativa, uma vez que a Educação Infantil passou a ser considerada um ambiente de aprendizado e socialização, onde as crianças têm a oportunidade de se desenvolverem cognitivamente, emocionalmente, socialmente e fisicamente.

Como resultado desse reconhecimento legal, emergiram diversas políticas, documentos e marcos legais que visavam orientar e fortalecer as práticas desenvolvidas pelos professores e profissionais da Educação Infantil. Isso inclui a elaboração de diretrizes curriculares nacionais, a promoção da formação de professores, a criação de programas de avaliação da qualidade da Educação Infantil e a ampliação do acesso a essa etapa educacional em todo o país.

As iniciativas, citadas acima, visaram garantir a qualidade e a equidade na Educação Infantil, apoiando seu papel fundamental no desenvolvimento das crianças e na construção de uma base sólida para seu percurso educacional futuro. Portanto, a transformação da Educação Infantil no Brasil, de uma abordagem assistencialista para uma etapa integral da Educação Básica, reflete o compromisso do país em promover uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida das crianças, fortalecendo assim as bases para um sistema educacional mais inclusivo.

Logo após a promulgação da LDB, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL 1998), um documento orientador das práticas e que apresenta o embasamento do trabalho pedagógico na Educação Infantil, norteado pelas concepções de educar, cuidar e brincar.

Ainda no mesmo ano dessa publicação, um projeto de resolução de 17 de dezembro de 1998 instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Vejamos os dois primeiros artigos dessa resolução:

Art. 1º - A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a serem observadas na organização das propostas pedagógicas das instituições de educação infantil integrantes dos diversos sistemas de ensino.

Art. 2º - Diretrizes Curriculares Nacionais constituem-se na doutrina sobre Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica,

definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as Instituições de Educação Infantil dos Sistemas Brasileiros de Ensino, na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

Essa resolução propõe como fundamentos norteadores para as propostas pedagógicas que tratam da Educação Infantil os princípios éticos, políticos e estéticos.

Um documento mais atual são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009, que representam um marco importante no sistema educacional brasileiro. Trata-se de um documento que estabelece as bases para a organização e o desenvolvimento da Educação Infantil no Brasil. Eis alguns de seus aspectos principais:

**Concepção de criança:** reafirmam que a criança é um sujeito de direitos, que deve ser respeitada em sua individualidade e singularidade, promovendo o seu desenvolvimento integral;

**Educação como direito:** estabelecem a Educação Infantil como um direito da criança e um dever do Estado, ressaltando a importância de garantir o acesso, a permanência e a qualidade na educação para crianças de 0 a 5 anos;

**Intencionalidade educativa:** destacam a importância de uma ação pedagógica planejada e intencional, que promova o desenvolvimento das crianças nos aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores;

**Brincar como aprendizagem:** valorizam o brincar como um meio fundamental de aprendizagem na infância, reconhecendo-o como um direito da criança e uma prática pedagógica essencial.

**Organização Curricular:** definem princípios norteadores da organização curricular, como o respeito à diversidade, o diálogo com as famílias, a interdisciplinaridade e a contextualização cultural.

**Avaliação Formativa:** enfatizam a avaliação como um instrumento de acompanhamento do desenvolvimento da criança, evitando práticas avaliativas punitivas e classificatórias;

**Formação de professores:** orientam a formação de profissionais que atuam na educação infantil, destacando a importância de prepará-los para uma atuação pautada nas DCNEI;

Participação da comunidade: estimulam a participação das famílias e da comunidade na gestão das instituições de educação infantil, fortalecendo a parceria entre escola e família.

Essas diretrizes representam um avanço significativo na compreensão da educação infantil como um período crucial no desenvolvimento da criança e estabelecem parâmetros importantes para a promoção de uma educação de qualidade nessa fase. Elas também têm influência sobre práticas pedagógicas e políticas públicas externas para a primeira infância no Brasil, contribuindo para a melhoria da educação infantil no país.

Portanto, trata-se de um documento que apresenta as concepções de Criança, de Educação Infantil, de Currículo, de Proposta Pedagógica e reafirmam os princípios éticos, políticos e estéticos como fundamentos e as interações e brincadeiras como eixos norteadores das práticas pedagógicas. O Art. 9º da DCNEI descrevem as práticas pedagógicas na Educação Infantil e orientam para que as mesmas tenham “como eixos norteadores as interações e a brincadeira”, se lembrarmos que as DCNEI possuem um caráter mandatário, significa que no contexto das instituições educativas as vivências desenvolvidas junto às crianças precisam efetivamente ser mediadas por interações e brincadeiras. Além disso, as propostas pedagógicas necessitam de fato, prezar pela criança no centro de todo o seu planejamento, considerando suas especificidades, habilidades, necessidades e etc.

Dentre os apontamentos do artigo 9º, é possível observar a intencionalidade de trabalho visando a promoção da afetividade, por exemplo nas situações que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;  
Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical (BRASIL, 2009).

Ao vivenciar experiências promotoras de conhecimentos sobre si próprio e sobre e do mundo, tendo seus ritmos e desejos respeitados e sua imersão nas diferentes linguagens e formas de expressão, significa que as crianças estão sendo cuidadas e educadas afetivamente e emocionalmente. Cuidar e educar afetivamente, não significa fazer tudo o que a criança deseja, na hora que ela quer, significa

conceder o que é possível no momento de suas necessidades e, se estiver em grupo de crianças, deve mostrar que os colegas também têm direitos e necessidades como ela, e que ambos precisam ser atendidos, respeitados e ouvidos dentre outros.

A maneira como os adultos se reportam às crianças também diz muito do que ele entende por afetividade, por respeito aos direitos da criança, por empatia e isso tudo é observável aos olhos dos agentes dentro da instituição. No entanto, muitas vezes, no cotidiano das relações perde-se de vista a intencionalidade e as finalidades do trabalho nesta etapa da educação.

A afetividade na Educação Infantil está presente em sua finalidade quando a legislação atual propõe, “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996), o que se coaduna com a qualidade das relações e do atendimento às crianças.

A afetividade produz impactos positivos nas relações, especialmente se considerarmos que devido à pandemia da COVID-19, passamos por um período muito grande de restrição de nossas ações, como por exemplo, ir e vir, abraçar, estar perto, ter contato pessoal. As crianças ficaram em casa por quase dois anos sem contato com a instituição educativa, com colegas e professores. Distantes deste contexto e do professor, compartilhamos do pensamento do pesquisador Sergio Antônio da Silva Leite, o qual considera que “[...] a mediação pedagógica também é de natureza afetiva” (LEITE, 2012, p. 3).

Nesse sentido, se tomarmos como exemplo uma criança que esteja atualmente com 4 (quatro) anos de idade, podemos concluir que ela permaneceu seus dois primeiros anos de vida em casa, impedida de frequentar a escola, tendo contato somente com os familiares próximos e, possivelmente com poucas crianças. Se a “mediação pedagógica também é de natureza afetiva”, como defende Leite (2012, p.3), neste contexto pós pandêmico torna-se imprescindível uma prática pedagógica ainda mais permeada por laços de afetividade.

Ao ingressar em uma instituição educativa, a criança cria muitas fantasias, encanta-se com os adultos com os quais passa a conviver, vai construindo confiança, redes afetivas com os colegas e se sentindo mais confortável ao ver os pais indo embora e a deixando na instituição escolar. Esse processo pode ser mais rápido para algumas crianças e mais devagar para outras, porém, um importante passo para uma adaptação saudável é o estabelecimento de vínculos afetivos positivos entre os

adultos e as crianças. Precisa haver confiança. A criança pequena precisa sentir segurança ao ficar na instituição e confiança de que, ao final daquele período, ela retornará para junto da família.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe para a Educação Infantil, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento “[...] nos quais as crianças possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural” (BRASIL, 2017). É no direito de expressar-se que, de modo mais evidente, se observa a ênfase nas emoções e sentimentos, isso não significa que nos demais direitos a afetividade não esteja presente.

De modo intencional a BNCC apresenta uma organização do “trabalho pedagógico” para o Ensino Fundamental por meio do desenvolvimento de competências e habilidades, dentre elas as chamadas competências socioemocionais.

Em 2018, uma reportagem publicada na Revista Nova Escola, intitulada “Estamos preparados para incorporar as competências socioemocionais da BNCC?”, apresenta uma pesquisa realizada com professores de Educação Infantil, a qual “sugere equívocos ao lidar com a afetividade na escola” pois,

Infelizmente, a imposição dessas novas competências no currículo brasileiro, ainda que sejam importantes, soa como injusta, já que o professor pouco estudou sobre essas questões em suas graduações e poucas possibilidades têm de continuidade desses estudos na sua atuação. Em países desenvolvidos, isso já é feito há bastante tempo. (TOGNETTA, 2018, p. 01)

A afetividade nutre o processo da aprendizagem cognitiva. Através das emoções as crianças aprendem novas experiências de aprendizagens, seja qual for a emoção, de medo, de raiva, de insatisfação. Portanto, é necessário que o outro esteja preparado para amparar e acolher esse sujeito, pois no entendimento de Freire (1997) “não há educação sem amor, quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (1999, p. 29).

As pesquisas vêm demonstrando que as escolas tem buscado novas conotações no que se refere a questões do conhecimento, não um conhecimento apenas de natureza cognitiva, mas tem dado espaço para trabalhar as competências socioemocionais, sobre isso, algumas experiências de formação de professores começam a surgir nas redes de ensino, especialmente nas redes públicas, onde as instituições escolares estão sempre com as turmas no limite máximo e na maioria das

vezes seus professores ávidos pelo aprimoramento de suas práticas. Conforme Leite (2012, p. 365),

É possível defender que a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Trata-se, pois, de um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica, portanto, é um dos principais determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos/alunos e os objetos/conteúdos escolares.

Esse aprimoramento não se dissocia da afetividade no sentido de, quanto mais o professor quer bem, gosta, sente prazer no que faz, nas crianças que tem sob sua responsabilidade, mas ele busca se desenvolver profissionalmente para atender os objetivos da educação, independente da etapa de ensino em que estiver exercendo a docência. No entendimento de Leite e Tagliaferro, “é possível supor que a afetividade também se expressa através de outras dimensões do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor em sala de aula” (2005, p. 249). No estudo “A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível”, Leite e Tassoni revelam, “é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação “tête-à-tête” com o aluno”. (2002, p. 13).

É a afetividade como fio condutor, como um elo nas relações entre o professor e a criança que buscamos apresentar nessa discussão, que não se encerra por aqui, mas abre um leque de possibilidades para que tanto os acadêmicos, licenciandos ou os professores já em exercício busquem como ponto de partida e de chegada para as interações e diálogos, por mais afetos no chão da escola, por mais desenvolvimento de habilidades socioemocionais, para que tenhamos crianças, jovens e adultos mais saudáveis emocionalmente.

### **Considerações finais**

A afetividade é uma temática muito presente, talvez de modo implícito, quando pensamos na relação existente entre professores e crianças. Embora saibamos da importância da afetividade como fator essencial no trabalho pedagógico, com a pandemia essa temática ganhou notoriedade passando a ser considerada, em nossos modos de pensar, como fio condutor importante nas interações e mediações

estabelecidas dentro das instituições educativas, sejam elas centros de educação infantil ou escolas.

Foi possível constatar que o desenvolvimento de práticas afetivas, no contexto da Educação Infantil, poderia ser uma prática mais corrente dentro das instituições, ao menos, em minhas observações enquanto estagiária. Havendo mais diálogo entre o arcabouço teórico que trata da Educação Infantil, os documentos oficiais, o currículo desta faixa etária e as práticas desenvolvidas junto às crianças pequenas.

A temática aqui discutida levanta uma questão fundamental, pois ressalta a necessidade de integrar a afetividade de forma mais eficaz nas práticas educacionais com crianças pequenas, pois, conforme questiona Freire, “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo?” (1974, p. 75), para esse educador, a amorosidade faz parte do humano e é parte essencial da educação. Primeiramente, como já foi apresentamos, é importante considerar que a afetividade desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, especialmente na Educação Infantil. Ela está intrinsecamente ligada ao aprendizado e ao bem-estar das crianças. No entanto, como indicado nas memórias de uma das autoras, a afetividade nem sempre tem sido uma prática corrente nas instituições.

Para o preenchimento dessa lacuna, é essencial promover a formação permanente dos profissionais, pautada no diálogo entre os aspectos teórico que sustentam a Educação Infantil e as práticas reais. Após a realização da pesquisa bibliográfica, da leitura da legislação e, aliada a experiência, apontamos algumas sugestões para que a afetividade se torna mais presente nos diversos contextos das educativos:

Compreensão da teoria: primeiramente, educadores e gestores precisam compreender as teorias e pesquisas que destacam a importância da afetividade no desenvolvimento infantil. Isso envolve o estudo de teóricos como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Wallon e outros que descrevem a afetividade como um elemento central no processo de aprendizagem e desenvolvimento;

Políticas e diretrizes oficiais: alinhar as práticas com os documentos oficiais que regem a Educação Infantil, principalmente os que enfatizam a necessidade de considerar o desenvolvimento emocional das crianças. Garantir que as políticas educacionais estejam em harmonia com essa perspectiva é fundamental;

Formação de Professores: a formação de professores deve incorporar princípios de desenvolvimento emocional e criação de ambiente afetivo nos espaços educativos;

Práticas pedagógicas afetivas: os professores e adultos que atuam com crianças devem ser encorajados a desenvolver práticas pedagógicas que promovam a afetividade. Isso inclui a criação de um ambiente seguro e acolhedor, a construção de vínculos afetivos com as crianças e a consideração de suas emoções e necessidades. E, ainda;

Avaliação: a afetividade não deve ser vista como algo estático, mas como um processo contínuo. Os educadores devem refletir sobre suas práticas e avaliar como estão promovendo a afetividade no contexto educativo.

Isso posto, esse estudo permitiu evidenciar a necessidade de a temática afetividade fazer parte da formação do profissional da Educação Infantil, desafio para a formação continuada centrada nas necessidades formativas específicas dentro das unidades escolares.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 9.394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica Parecer nº: 022/98: Aprovado em: 17/12/98.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. — Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Homologado em 8.12.09. DOU de 9.12.09.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**, 2013

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes/Brasília CNTE; Brasília: LPT, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: paz e Terra, 1999.

L EITE TAGLIAFERRO. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005 Volume 9 Número 2 247-260.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. A **pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

TASSONI, Leite. **Educação**. (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 2, p. 262-271, maio/ago. 2013

TOGNETTA, LUCIENE. **Estamos preparados para incorporar as competências socioemocionais da BNCC?** *IN: REVISTA NOVA ESCOLA*, 2018.

VYGOTSKY. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

<https://novaescola.org.br/conteudo/12358/estamos-preparados-para-incorporar-as-competencias-socioemocionais-da-bncc> Acesso em 25/10/2023.